

Euclides da Fonseca

Véus do improvável



Véus do improvável

Véus do improvável

Euclides da Fonseca

FICHA TÉCNICA

Título: Véus do improvável

Autor: Euclides da Fonseca

Diagramação e paginação: Euclides da Fonseca

1ª Edição Agosto, 2025

ISBN: 978-989-36392-1-4

Copyright © 2025

Euclides da Fonseca | Véus do improvável

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Qualquer uso indevido deste conteúdo é passível de responsabilização civil e criminal, segundo a Lei dos Direitos de Autor e Conexos.

A quem ousa caminhar
Comigo por trilhas de mistério e verdades
Sussurradas.

*"O conto é um espelho partido.
Cada estilhaço revela um pedaço de verdade."*

Talvez eu só exista entre as linhas.....	8
Verdades ocultas.....	22
O último silêncio.....	40
Diário de um oráculo.....	51
Ampulheta.....	54
Um olhar sobre a velha cidade.....	61

Talvez eu só exista entre as linhas

Chamava-se Lídia.

Chegava ao escritório sempre às 8h em ponto, salto firme, olhar impenetrável e um cheiro de café amargo misturado com perfume caro. Para os outros, ela era apenas a gerente geral — fria, prática, intocável. Para mim ela era o início de um livro que eu ainda não sabia que estava escrevendo.

Sou assistente administrativo numa empresa onde ninguém sonha. Mas eu... eu escrevia à noite. E naquela semana, com os olhos pesados de exaustão e um vazio latejante no peito, comecei meu primeiro romance. O título veio antes mesmo da primeira linha: "A Mulher que Nunca Chovia". Lídia era o molde. Não fisicamente. Mas pela dor que eu via escondida nos seus silêncios.

Eu a observava — discretamente, como todo escritor faz. Seu jeito de encarar a janela por segundos longos demais.

O modo como seus dedos tremiam levemente quando assinava papéis importantes.

E principalmente: a forma como evitava dizer "bom dia" olhando nos olhos.

Meu personagem nasceu ali: uma mulher feita de aço por fora e vazia por dentro. Que sorria no elevador, mas chorava dentro do próprio nome.

À medida que escrevia, algo estranho aconteceu, meu personagem começou a revelar segredos que eu não conhecia, segredos que, por coincidência (ou destino), pareciam reais demais. Um marido perdido. Uma irmã desaparecida. Uma cicatriz entre as costelas.

Foi então que, numa madrugada qualquer, após escrever mais um capítulo, revisei um documento do trabalho e encontrei o nome da irmã de Lídia — o mesmo nome da minha personagem.

Coincidência?

Não parei de escrever.

Quanto mais avançava, mais meu livro parecia escrever a história dela ou a que ela escondia.

Até que, numa sexta-feira cinzenta, ela me chamou na sala dela.

— Você está escrevendo um livro, não está? — perguntou, sem levantar os olhos do monitor.

Meu coração parou.

— Estou.

— Continue.

E foi só.

Mas naquele dia, antes de sair, ela me deixou uma pasta em cima da mesa. Dentro, havia cartas antigas,

fotos rasgadas e um bilhete: "Se vai escrever sobre a dor escreva direito."

Foi aí que percebi:

Meu primeiro romance era real demais para ser apenas ficção. E ela... ela nunca quis esconder suas dores. Só queria alguém que as escrevesse com verdade.

E eu escrevi. Página por página até que não fosse mais meu livro, fosse o dela.

A partir daquele dia, algo mudou. Eu já não escrevia apenas à noite, como quem foge de si mesmo. Eu escrevia no intervalo do almoço, nos minutos antes do expediente, nas margens dos relatórios. Cada palavra era como se abrisse uma fresta naquela armadura silenciosa que Lídia vestia todos os dias.

A pasta que ela me entregou tornou-se minha bússola. Cada carta tinha a textura de dor não resolvida. Havia ali confissões nunca enviadas, páginas arrancadas de um diário com tinta borrada e fotografias que mais pareciam fantasmas, olhos que imploravam para serem vistos.

Uma em especial me marcou: era de quando ela tinha talvez vinte anos. Estava com outra mulher, parecida com ela, mais sorridente — a irmã, eu supus. No verso da foto, uma única frase escrita à mão: "Ela prometeu voltar. Eu prometi não contar a ninguém o motivo da partida."

Comecei a costurar essa dor nas entrelinhas do romance. Mas quanto mais escrevia, mais minha escrita se tornava um espelho. Eu não estava apenas contando a história dela — estava descobrindo a minha. Porque, no

fundo, eu também carregava uma perda. A de um pai que partiu cedo demais. A de um amor que nunca soube se era real ou imaginação de um coração carente. E talvez fosse por isso que escrever doía tanto. Porque cada linha era um pedaço meu escondido atrás de palavras inventadas.

Lídia nunca comentou mais sobre o livro. Mas às vezes, deixava bilhetes curtos na minha mesa.

“A dor não é inimiga, é combustível.”

“Solidão demais vicia. Cuidado.”

Até que, um dia, o livro ficou pronto.

Ela foi a primeira a receber uma cópia. Fui até sua sala, entreguei o manuscrito encadernado com as mãos trêmulas.

Ela não disse nada. Apenas pegou, folheou algumas páginas, e pela primeira vez em dois anos... sorriu de verdade.

— Não é só o meu livro. — ela disse. — É o nosso.

E naquele instante, entendi.

Às vezes, o que une duas pessoas não é a afinidade é a dor silenciosa que ambas aprenderam a calar. E foi escrevendo sobre a solidão que deixei de estar sozinho.

Depois daquele momento, a rotina mudou sem que nada precisasse ser dito.

Lídia continuava sendo minha chefe — reservada, meticulosa, de poucas palavras. Mas havia um novo silêncio entre nós: menos denso, mais cúmplice. O tipo de silêncio que só existe entre quem já se leu, mesmo sem se conhecer por inteiro.

O livro ganhou vida. Chamei-o de "As Partes que Escondemos". Publiquei de forma independente, sem pretensões, apenas com o desejo íntimo de libertar o que me queimava por dentro. No prefácio, escrevi: "Esse livro nasceu do silêncio de uma mulher e da solidão de um homem." Não citei nomes. Mas ela sabia.

Nas semanas que se seguiram, recebi mensagens de estranhos dizendo que se reconheceram ali — nos trechos de perda, nos parágrafos de espera, nos capítulos em que ninguém é herói. A dor, de alguma forma, era universal. E isso me assustava e curava ao mesmo tempo.

Uma tarde, Lídia me chamou à sala.

— Tem uma editora interessada. — disse, sem rodeios.

— Interessada no quê?

Ela levantou o livro da mesa.

— Em publicar isso. Com você como autor. E comigo... como coautora.

Pisquei.

— Coautora?

Ela assentiu.

— Você escreveu. Mas quem te deu as sombras fui eu.

Sorri. Pela primeira vez, entendi o que ela queria dizer. Aquilo não era sobre ego, era sobre partilha. Sobre como uma dor só se transforma em palavra quando há alguém disposto a abrir a cicatriz.

Aceitei.

E assim, o livro que começou em silêncio virou grito. O escritor inexperiente e a chefe misteriosa tornaram-se parceiros numa narrativa maior: a de duas almas que, ao invés de se perderem na dor, aprenderam a transformá-la em ponte.

E talvez — só talvez — isso fosse o começo de um novo capítulo.

O lançamento do livro foi marcado para uma sexta-feira chuvosa. O tipo de dia que, até então, eu teria evitado — sombrio, introspectivo, frio. Mas agora, a chuva parecia um sinal. Como se o céu também estivesse disposto a abrir suas nuvens para contar uma história.

Lídia chegou antes de mim. Estava encostada na parede da pequena livraria, o capuz do casaco cobrindo parte do rosto, os olhos atentos aos movimentos da rua. Como se esperasse que alguém, além de mim, viesse buscá-la. Ou talvez fosse só hábito, ela nunca foi de entregar seus mistérios de bandeja.

— Nervoso? — perguntou, sem olhar diretamente para mim.

— Um pouco. E você?

— Eu? Eu aprendi a ter medo de outras coisas.

A noite foi surpreendentemente viva. Gente que eu não conhecia se emocionava com frases que eu quase apaguei. Perguntavam sobre personagens que nunca existiram ou melhor, que existiam apenas como pedaços da nossa história. E, de algum modo, Lídia e eu sabíamos: aquelas perguntas não eram sobre o livro. Eram sobre nós. Sobre o que não estava escrito.

No fim do evento, ficamos sozinhos na livraria. As luzes baixas, as cadeiras vazias, o cheiro de papel ainda no ar.

— Tem algo que ainda não escrevi — murmurei.

— O quê? — ela perguntou, virando-se para mim.

— O capítulo onde o escritor se apaixona pela personagem que inspirou sua história.

— Talvez porque ele ainda esteja vivendo esse capítulo — disse, com um sorriso quase imperceptível.

Ficamos em silêncio.

Mas, naquele momento, percebi: nem toda história precisa terminar com ponto final. Algumas continuam mesmo depois da última página.

E se “As Partes que Escondemos” foi o livro que nos uniu, talvez o próximo fosse o livro que escreveríamos juntos — não com palavras, mas com dias.

Na semana seguinte, deixei meu caderno aberto sobre a mesa do café onde costumava escrever. As páginas em branco pareciam me desafiar como se perguntassem: e agora?

Lídia passou a me visitar ali. Não falávamos muito. Às vezes, ela lia em silêncio enquanto eu rabiscava frases soltas; outras, só ficava olhando pela janela, como se esperasse algo voltar. Ou alguém.

Mas a verdade? Eu sabia que o que nos unia ia além da literatura. Era um silêncio partilhado. Um entendimento não dito. O tipo de ligação que nasce quando duas solidões se reconhecem.

Numa dessas manhãs, ela trouxe um envelope.

— Você deveria ler isso — disse, empurrando-o em minha direção.

Dentro, encontrei uma carta escrita com sua caligrafia firme:

"Nem todo amor vira romance. Mas algumas dores só encontram cura quando se transformam em histórias. Escrevi a minha em ti. Agora escreva a tua em mim."

Fiquei sem palavras. Pela primeira vez, a mulher que inspirou meu livro estava me oferecendo uma nova história, uma onde as sombras não precisavam esconder os sentimentos.

Fechei o caderno. Peguei um novo.

E, desta vez, escrevi não sobre dor, mas sobre recomeços.

Porque o escritor que um dia se refugiou nas palavras, agora queria viver o que nunca ousou escrever. E com Lídia, cada página em branco deixava de ser ameaça e virava promessa.

*

Convidei Lídia para jantar numa quarta-feira qualquer. Queria que fosse uma noite comum, mas algo dentro de mim sabia que não seria.

Escolhi um restaurante escondido entre ruas antigas do centro da cidade, desses com luzes baixas e cheiro de madeira velha. Lídia chegou com um casaco azul-escuro e um sorriso contido. Disse que estava curiosa, que havia lido mais dois capítulos do meu novo livro, e que estava começando a se reconhecer nele.

Sentei de frente para ela, mas era como se ainda escrevesse. Cada gesto dela era um parágrafo; cada silêncio, uma vírgula entre sentimentos não ditos. O garçom trouxe vinho, depois o prato principal, mas eu mal provei a comida. Estava faminto de outra coisa...

Quando as taças estavam quase vazias, falei:

— Há uma cena no meu livro novo. O personagem principal convida a mulher que inspirou suas páginas para jantar. Eles conversam, riem, se olham por tempo demais... E então, sem muito aviso, ele a beija. Não como um gesto impulsivo, mas como quem encerra um capítulo longo de espera.

Ela não desviou os olhos. Apenas respondeu, com aquela firmeza doce que sempre carregava:

— E como termina a cena?

— Ainda não escrevi — sussurrei. — Estava esperando saber se ela o beijaria de volta.

Lídia inclinou-se levemente, tocou minha mão sobre a mesa e sorriu. Um sorriso novo, feito de decisão e ternura.

E ali, entre velas derretidas e um frio discreto batendo na janela, o que antes era só ficção virou carne e presença.

Beijei-a.

E pela primeira vez, um capítulo da minha vida foi escrito sem papel.

Apenas com pele, tempo e a esperança de que — enfim — eu tinha deixado de escrever sobre a solidão para começar a viver o que vem depois dela.

Naquela noite, depois do jantar, caminhamos pelas ruas vazias da cidade como se o tempo tivesse afrouxado sua pressa. A chuva fina que começava a cair parecia a trilha sonora perfeita, não para um final, mas para um começo que eu nunca soube descrever no meu livro.

Lídia andava ao meu lado em silêncio, os passos sincronizados, o casaco entreaberto dançando ao vento. Quando paramos diante da porta do prédio dela, ficamos alguns segundos sem dizer nada. Não por falta de palavras, mas porque tudo que importava já havia sido dito nos gestos, nos olhares, naquele beijo que carregava meses de páginas silenciosas.

— Vai escrever sobre isso? — ela perguntou, com um sorriso leve, quase provocador.

— Talvez — respondi. — Mas só se você me deixar errar os tempos verbais. Misturar passado com presente. Porque, honestamente, ainda estou tentando entender se isso aqui é real ou apenas mais um trecho do romance que comecei a viver sem saber.

Ela se aproximou, me deu um beijo curto — como um ponto final numa frase bonita — e entrou, sem olhar para trás.

Fiquei ali por alguns minutos, parado, sentindo o ar ainda quente da noite, o gosto dela nos lábios e a estranha sensação de que, pela primeira vez, não queria mais inventar finais. Queria descobrir um — com ela. Voltei para casa e abri meu caderno.

O título do capítulo seguinte veio antes das palavras: “Tudo que não precisei imaginar.”

No dia seguinte, acordei mais cedo do que o habitual. O sol mal tocava a janela, mas meu coração já escrevia sem caneta. A memória da noite anterior parecia ter deixado rastros por todo o meu corpo. Era estranho. E ao mesmo tempo inevitável.

Sentei-me diante do computador, ainda com a chávena de café quente entre as mãos. A tela em branco não me intimidava mais. Porque agora, ela era um espelho. E Lídia... Lídia tinha deixado de ser apenas musa para se tornar matéria-prima da minha própria transformação.

Abri o arquivo do meu livro. Li os últimos parágrafos com a consciência de que aquela história não era só ficção. Era confissão. E talvez fosse por isso que ela funcionava tão bem.

No capítulo seguinte, escrevi:

"Ele não sabia se estava apaixonado por Lídia ou pela coragem que ela lhe devolvia sem perceber. Mas, naquela noite, ao vê-la fechar a porta atrás de si, entendeu que algumas pessoas não entram na nossa vida — elas acendem."

Fechei o computador. E foi então que meu telefone vibrou.

Mensagem de Lídia:

"Passei a manhã lendo teu livro. Acho que sei quando você fala de mim. Acho que gosto disso."

Sorri.

E naquele instante, compreendi: a dor que me levou a escrever, a solidão que me obrigou a escavar

sentimentos em silêncio... talvez tudo isso fosse só o prólogo. O verdadeiro romance começava agora.

E desta vez, a história não era só minha.

Era nossa.

Naquele momento, o mundo parecia mais lento. Cada passo meu até o pequeno café no centro da cidade — o mesmo onde escrevi os primeiros rascunhos do livro — era acompanhado por um estranho silêncio interno. Não era ausência. Era presença. A presença dela, agora ocupando espaço entre o que eu pensava e o que eu sentia.

Lídia chegou minutos depois. Usava um casaco azul-marinho e o cabelo preso de forma displicente, como se tivesse acabado de sair de um daqueles capítulos que descrevi sem saber que eram sobre ela. Sentou-se à minha frente sem dizer nada por um momento, como se o tempo entre nós não precisasse ser preenchido com palavras.

— Você realmente me escreveu — ela disse por fim, encarando-me com um sorriso que parecia misturar encanto e risco.

— Você realmente me inspirou — respondi.

Ela olhou para o meu caderno, ainda fechado sobre a mesa.

— Vai continuar?

Assenti devagar.

— Sim. Mas agora, acho que não estou mais escrevendo para fugir da dor. Estou escrevendo para não esquecer daquilo que me trouxe de volta.

O garçom trouxe os cafés. O cheiro de canela e livros antigos flutuava entre nós. Lídia estendeu a mão, tocou a minha como quem folheia um segredo.

— E se eu desaparecer do enredo?

— A história ainda assim te procuraria, Lídia — sussurrei. — Porque, de alguma forma, você virou a trama.

Ela não disse nada. Mas naquele instante, soube que nem todas as histórias precisam de ponto final. Algumas só precisam ser vividas, página por página.

Naquela noite, a cidade parecia suspensa no tempo. As luzes dos postes filtravam-se como lembranças que se recusam a apagar. Lídia caminhava ao meu lado pelas ruas de paralelepípedos, e mesmo em silêncio, eu sentia que cada passo dela escrevia algo novo dentro de mim.

— Há coisas que você ainda não sabe sobre mim — ela disse, de repente, olhando para o reflexo da lua numa poça d'água.

— E ainda assim escrevi como se soubesse tudo — respondi.

Ela sorriu, mas foi um sorriso breve, quase triste. Parou diante de uma porta antiga, enferrujada, no beco onde a cidade parecia ter parado no tempo.

— Se entrar aqui comigo, talvez não consiga mais escrever como antes — disse, olhando fundo nos meus olhos. — Talvez nem queira mais.

— E se eu já não quiser voltar?

Ela empurrou a porta. Um rangido agudo atravessou o ar.

Lá dentro, um espaço vazio, repleto apenas de quadros cobertos por panos e um piano antigo no centro. Lídia caminhou até um dos quadros e puxou o tecido.

Era uma pintura. Dela. Mas feita anos antes, por alguém com a mesma assinatura que vi numa dedicatória antiga de um livro: E.L.

— Meu nome completo... é Elisa Lídia. Fui escritora antes de desaparecer do mundo editorial. Escrevi sobre dor até que ela me consumiu. E só voltei quando li suas palavras, como se estivesse lendo a mim mesma de novo.

Fiquei sem ar.

— Então você...

Ela se aproximou e me entregou um envelope. Dentro, havia um manuscrito inacabado.

— Termine — disse. — Mas saiba... quando escrever o fim, talvez eu desapareça de novo.

— Por quê?

Ela sorriu, com os olhos marejados.

— Porque talvez eu só exista entre as linhas.

E então, ela saiu pela mesma porta por onde entramos, deixando o som do piano vibrando sozinho no salão vazio.

Tudo o que me restou foi aquele manuscrito e a certeza de que nem toda personagem é apenas criação. Algumas são lembranças que vestem pele por um tempo.

E depois viram lenda.

2

Verdades ocultas

Fui polícia durante dezessete anos. Já vi de tudo — corpos jogados em valas, homens que mataram por dinheiro, crianças desaparecidas como fumaça no vento. Mas o que me foi entregue naquela manhã nublada de agosto foi diferente. Mais sombrio. Mais pessoal.

Era por volta das 06h47 quando o meu telefone antigo vibrou. Um número privado. Atendi com aquela voz rouca de quem dormiu mal e ainda cheira a whisky barato.

— Agente Kiala? — perguntou uma voz feminina, firme, sem vacilar.

— Já não sou agente, minha senhora.

— Mesmo assim, é o único que pode resolver isto. O professor Aires Lima está morto. E acreditamos que não foi acidente.

Silêncio. Esse nome fez o tempo parar por alguns segundos. Aires Lima, professor de Filosofia Política. Gênio respeitado. Conhecia-o de longe. O tipo de homem que

conseguia fazer até os criminosos mais perigosos ouvirem um poema em silêncio.

— Morte violenta? — perguntei.

— Encontraram o corpo numa zona isolada. Olhos vendados, mãos amarradas com fio de seda, e uma vela ainda acesa ao lado.

Senti o coração acelerar. Aquilo não era apenas um assassinato. Era um ritual. Um aviso ou os dois.

Horas depois, eu estava diante do cenário. O local estava quieto demais. Nem o vento ousava sussurrar. A vela, dizem, queimou por quase uma hora antes de apagar sozinha.

O rosto do professor estava sereno como se aceitasse a morte ou pior: como se a esperasse.

Encontrei um bilhete dobrado no bolso do seu casaco. Letras à mão: "Quando as verdades incomodam, até os sábios se tornam alvo."

Comecei a puxar o fio. Fui à universidade, falei com colegas, alunos, até os faxineiros. Todos diziam o mesmo: o professor andava tenso nas últimas semanas. Alguém o seguia. Ele evitava usar o carro, mudou os horários das aulas. E havia rumores... que andava a escrever um livro. Um manuscrito perigoso. Algo que exporia nomes grandes. Nomes intocáveis.

*

Na noite do seu aniversário, Aires foi visto entrando num restaurante. Não saiu mais. As câmaras desapareceram no dia seguinte. E o gerente do local sumiu dois dias depois. Coincidência? Não acredito em coincidências.

Vasculhei antigos casos que ele comentou em palestras. Um deles envolvia um político da linha dura acusado de desviar fundos de bolsas de estudo para jovens. O caso foi abafado. Mas Aires nunca esqueceu. Talvez, finalmente, ele tivesse conseguido as provas.

Tudo apontava para um acerto de contas de alto nível. Mas porquê o ritual? Porquê a vela? Comecei a desconfiar que isso ia além de política. Era simbólico. Uma seita? Um grupo secreto? Ou apenas uma encenação para desviar a atenção?

Na manhã seguinte, recebi uma mensagem anônima: *"Kiala, se continuar, será o próximo a soprar a vela."*

Eu ri. O tipo de riso de quem já não tem medo da morte. Já a vi nos olhos de colegas, nos corredores do Comando, nas ruas de toda cidade. Mas aquilo... aquilo era diferente. Era pessoal.

Porque agora, eu sabia que Aires Lima morreu por algo que acreditava. E isso mexia comigo.

E se eu não parasse?

E se eu também acendesse a vela?

Depois daquela mensagem anônima, algo em mim se reacendeu, talvez o velho instinto de policial que nunca morre. Mas era mais do que isso. A morte do professor Aires deixou um vazio estranho. Ele foi apagado com método, com frieza... com medo de que algo viesse à tona.

Decidi voltar ao local do crime — o miradouro. Só que desta vez, não fui sozinho. Levei um gravador, uma pequena lanterna e a única coisa que me restava da corporação: o meu instinto.

Na base da pedra onde o corpo havia sido encontrado, detectei algo sob a luz ultravioleta: uma pintura antiga em tinta invisível. Um símbolo com duas asas abertas sobre uma vela derretida. Eu já tinha visto aquilo antes, num caso que ficou arquivado em 2011, envolvendo desaparecimentos.

O nome era sussurrado, quase como maldição.

Eles se apresentavam como uma sociedade silenciosa, defensores da “verdade cega” — uma doutrina maluca que defendia eliminar qualquer um que ameaçasse desestabilizar “a ordem natural das estruturas superiores”. Aires foi mais uma vítima.

Segui outra pista deixada por um ex-aluno do professor, um rapaz nervoso chamado Maico, que me entregou um envelope selado que Aires havia lhe confiado dias antes de morrer. Dentro, uma chave antiga e um endereço.

O local? Um armazém abandonado que serviu de tipografia no tempo colonial. Lá encontrei uma caixa de madeira com o símbolo das asas negras queimado na tampa. Por dentro, havia documentos, cartas e — o mais importante — o rascunho do livro de Aires Lima.

Páginas e páginas de denúncias detalhadas, com provas, gravações transcritas e nomes: empresários, militares, magistrados. Todos ligados a um projeto de lavagem de imagem do Estado através de ONGs de fachada.

Aires sabia demais. E pagou o preço.

Naquela instante, fui até a redação de um antigo amigo — Júlio, jornalista caçado por dizer a verdade. Entreguei tudo. Disse:

— Se me acontecer algo, solta tudo. Sem cortes.

Horas depois, recebi nova mensagem: "*Kiala... você acendeu a última vela.*"

Eles sabiam. Eles estavam perto.

Mas eu não ia fugir. Porque, às vezes, a justiça não começa nos tribunais, mas na coragem de um homem só.

E se eu morrer que seja como o professor: com a verdade acesa ao meu lado.

*

As ruas estavam úmidas, recém lavadas por uma chuva rápida. O cheiro de asfalto molhado misturava-se ao som dos carros apressados e das buzinas impacientes.

Eu estava atravessando a Rua, perdido em pensamentos, quando ouvi o som — aquele ronco de motor acelerando, rasgando o silêncio ao meu redor. Foi questão de segundos.

O farol não estava vermelho. Eu não devia estar ali. Mas algo — talvez o cansaço ou o peso do que carregava me fez hesitar no meio da faixa.

O carro veio como um raio. Preto, vidros escuros, sem placa visível. Não diminuiu. Saltei para trás no último segundo, caindo sobre o capô de outro carro parado. O motorista gritou, mas o carro preto já tinha passado como um fantasma apressado, sumindo na curva.

Fiquei ali, o coração disparado. Não era coincidência. Não era descuido.

Era aviso.

Levantei devagar. Um homem de terno do outro lado da rua me encarava. Não segurava nada. Não dizia nada. Apenas observava. Quando nossos olhos se

cruzaram, ele virou de costas e desapareceu na multidão.

A perseguição não havia terminado. Eu havia começado uma guerra silenciosa e os líderes não costumavam deixar sobreviventes soltos. Agora, eu precisava correr antes que fosse tarde. Não por medo. Mas porque a verdade que carrego ainda não terminou de ser dita.

Corri. Não olhei para trás. Meus pés pareciam saber o caminho antes da mente. Cortei entre becos, saltei buracos, entrei por ruas com cheiro de ferrugem e lixo queimado. Cada batida do meu coração era um lembrete: alguém queria me silenciar.

A cidade parecia conspirar com o silêncio. Nenhum passo me seguiu. Nenhuma sombra me acompanhou. Mas eu sabia, aquele tipo de perseguição não se faz com barulho. Se fazem com olhos ocultos, câmeras invisíveis, e ordens dadas em sussurros por linhas criptografadas.

Cheguei a um galpão abandonado. Um dos últimos locais que o professor frequentava antes de desaparecer. Segundo os registros ocultos que recuperei, ali ele encontrava informantes. E talvez... deixasse pistas.

Empurrei a porta de ferro, pesada. Um cheiro de óleo velho me recebeu. No centro, uma cadeira caída. Ao lado, um rádio de ondas curtas coberto de poeira e um envelope lacrado colado com fita adesiva sob o tampo de uma mesa.

"Para quem ainda acredita na verdade", dizia.

Meus dedos tremiam. Abri. Dentro, um pen drive e um mapa da cidade com marcas em três zonas e uma frase rabiscada à mão:

"A última palestra não foi sobre filosofia. Foi um aviso."

Ouvi um clique atrás de mim.

Engatilharam uma arma.

— Parado, Kiala.

A voz era grave. Masculina. Sem emoção. Levantei as mãos devagar.

— Se vai me matar, espero que ao menos saiba o porquê de eu estar aqui.

— Sabemos. E é exatamente por isso que não podemos deixar você sair.

Mas eles não esperavam o que eu havia plantado do lado de fora.

O velho gravador do professor ainda transmitia.

A verdade estava sendo ouvida por alguém.

Alguém que também já estava cansado de mentiras.

— Se vai puxar o gatilho, faça logo. — minha voz saiu firme, mas por dentro, meu corpo era pura tensão.

O homem hesitou por um segundo. E foi o suficiente.

Um estrondo ecoou do lado de fora — meu velho cúmplice, Mário, ativou a distração combinada: um explosivo sonoro caseiro, só barulho e luz. O suficiente para confundir.

Me joguei no chão. A bala passou rente à minha orelha e se perdeu na parede. Rolei para trás da mesa, puxei o canivete do tornozelo e arremessei direto na perna do atirador. Ele gritou, caiu. Corri.

Escapei por uma saída lateral que nem eu lembrava existir, ofegante, o coração descompassado. E, mais importante: com o pen drive no bolso.

Duas horas depois, trancado no velho estúdio de rádio de um amigo de confiança, conectei o pen drive.

A pasta tinha apenas um vídeo. Nome do arquivo: “Última Lição”.

A imagem tremia, como se gravada às pressas. O professor aparecia com o rosto sério, em uma sala que reconheci de imediato — o auditório da universidade, vazio.

— “Se você está vendo isso, é porque fui silenciado. E não por ideias — mas por saber demais.” — ele respirou fundo. — “Por trás das reformas acadêmicas, das bolsas de pesquisa, há uma rede. Uma aliança entre membros do governo, empresários e... sim, agentes infiltrados na própria polícia. Estão lavando dinheiro através de contratos falsos com universidades fantasmas. E eu... encontrei provas.”

O vídeo cortou para imagens de documentos: contas bancárias, transferências para offshores, nomes de altos funcionários. Um dos nomes me fez gelar.

Caetano. Inspetor-Geral da Educação. Ex-chefe de operações secretas. E... meu antigo comandante.

Silêncio.

Não havia mais dúvida: a morte do professor não foi aleatória. Foi cirúrgica. E agora, os olhos daqueles que o silenciaram estavam em mim.

Mas não importava. Agora eu tinha a verdade. E a missão era clara.

Era hora de fazer barulho.

*

A cidade parecia dormir, mas minha mente estava em guerra.

O relógio marcava 03h47 quando me dei conta de que ainda estava no mesmo lugar, na mesma posição, cercado de folhas rabiscadas, fotos impressas, relatórios velhos e telas divididas entre vídeos pausados e mapas. Um cigarro queimava esquecido no cinzeiro, e a garrafa de café estava vazia há horas.

O silêncio só era quebrado pelo zumbido do projetor, que girava, passando o mesmo trecho do vídeo do professor. Repetidamente. Repetidamente como se quisesse me dizer algo que eu ainda não conseguia ver.

Risquei mais uma linha no quadro. E então parei.

Havia algo errado ou melhor, encoberto. Cada vez que tentava ligar os nomes, os locais, as datas, surgia uma nova lacuna. Era como montar um puzzle, só que algumas peças haviam sido deliberadamente escondidas.

Anotei:

- Professor assassinado na noite do próprio aniversário.
- Caetano presente na festa do Ministério três horas antes.
- Transações bancárias irregulares.
- Nome do inspetor Fernando Jota envolvido — o mesmo que arquivou meu relatório meses atrás.

Fechei os olhos.

Tentei visualizar os pontos: onde estavam na cidade, o que os conectava. Comecei a marcar no mapa: pontos vermelhos para os envolvidos, azuis para os locais suspeitos, amarelos para os vazamentos de informação.

Foi aí que percebi.

Todos os pontos formavam um semicírculo com um centro. Um prédio esquecido no centro da cidade: o Edifício Lótus — antiga sede da secretaria de cooperação internacional. Oficialmente desativado. Mas o último extrato bancário mostrava pagamentos para um "serviço de vigilância" naquele mesmo endereço.

Minha respiração parou por segundos.

Era ali.

A última peça.

Se havia registros físicos, documentos originais, ou mesmo alguém que sabia mais do que o professor seria naquele prédio. E se eu estava certo, era também ali que planejavam apagar as últimas provas.

Levantei-me, exausto, mas com o foco renovado.

Era madrugada. A cidade não sabia, mas estava prestes a acordar com um nome novo no centro da tempestade: o meu.

E eu não ia parar até descobrir tudo.

O céu ainda estava manchado de breu quando estacionei duas ruas abaixo do Edifício Lótus. A fachada antiga não chamava atenção — exatamente como planejado. Ninguém imaginaria que aquele prédio escondia algo tão importante.

Atravessar a rua foi como pisar em território proibido. Carregava apenas o essencial: uma lanterna de luz vermelha, um gravador digital, minha pistola velha com o cano limado, e a determinação cega de quem não tem mais nada a perder.

A porta principal estava trancada. Mas a lateral, coberta por madeira e grafites apagados, tinha uma fresta. Um chute firme abriu caminho.

Dentro, o ar era denso. Poeira. Papel queimado. Fios soltos. Um corredor comprido se estendia como uma garganta escura. Os passos ecoavam, mas eu já aprendi a andar como sombra.

Subi os degraus enferrujados até o 3º andar. Os arquivos deviam estar ali. As pastas antigas, os contratos, os vídeos de segurança. E se tivessem sido removidos algum traço restaria.

Foi quando ouvi: passos apressados.

Alguém mais estava ali.

Apaguei a lanterna e me encostei atrás de um pilar. O vulto passou, com um rádio na mão. Farda preta. Não era polícia era segurança privada. Armado. Rosto fechado.

Esperei.

Contei até vinte.

E então entrei na sala indicada pelo número gravado no relatório do professor: 304-B.

Um baú metálico estava semiaberto. Dentro, várias caixas. Comecei a vasculhar rapidamente.

Documentos diplomáticos. Registros de entrada e saída de estrangeiros. E ali, no fundo, uma pasta marcada com tinta vermelha.

Abri.

Tudo estava ali: transferências ilegais, contratos falsificados de bolsas de estudo, e o nome de Caetano como um dos consultores principais do projeto.

Mas o que me fez congelar foi o nome logo abaixo: Prof. Mateus Dinis.

De novo, aquele nó no peito.

Mas havia um detalhe: ao lado do nome dele, uma anotação escrita à mão, em letras trêmulas: "Informante. Protegido. Afastado por segurança."

Era a prova final. Ele não fazia parte do esquema, ele sabia demais. E morreu...

A raiva virou gasolina.

Antes de sair, fiz fotografia em tudo.

Mas então ouvi o estalo.

A porta se fechou atrás de mim. E no corredor passos voltando. Eles sabiam que eu estava ali.

O som da porta trancando atrás de mim me fez congelar por um segundo só um. O suficiente para entender que eu estava cercado. O cheiro de papel velho e óleo queimado agora se misturava à adrenalina que me percorria o corpo como fogo.

Sem tempo para hesitar.

Joguei a lanterna de luz vermelha pela janela quebrada, como distração, e corri para o canto da sala. Uma porta metálica, quase imperceptível sob uma placa solta do piso, estava ali. Eu o tinha notado antes, mas ignorei.

Agora, era minha única chance.

Forçando com a ponta da pistola, abri a tampa com um rangido grave. Um túnel estreito se abria ali, coberto por fios antigos de energia. Devia levar ao porão ou a algum ponto de manutenção. Peguei a pasta, empurrei o gravador no bolso do casaco e me joguei para dentro.

Atrás de mim, ouvi a voz:

— ELE ESTÁ NA SALA! NÃO DEIXEM ESCAPAR!

Rastejei por metros, ofegante, enquanto vozes e passos retumbavam acima. Luzes começaram a invadir o buraco, mas já era tarde.

Encontrei uma grade no fim do túnel. Empurrei com o ombro. Não cedeu. Usei o cabo da arma. Uma. Duas. Três vezes. Estalou.

A luz da rua me cegou por um instante.

Caí num beco entre dois prédios úmido, fedendo a óleo e esgoto. Mas era liberdade. Pelo menos por alguns segundos.

Tirei o casaco, enfiei a pasta dentro de uma sacola preta escondida num cesto de lixo e corri até a esquina.

Um táxi de aplicativo. Sujo, velho. Perfeito.

Enquanto o carro se afastava, olhei para trás. Três homens saíram do prédio. Um deles segurava a lanterna vermelha que eu deixei cair. O outro falava no rádio.

Mas eu tinha as provas.

E, finalmente, tinha a verdade.

Era sábado. Um daqueles raros em que o sol parecia menos agressivo sobre a cidade. Eu estava no pequeno apartamento que aluguei nos arredores da cidade, tentando organizar os documentos. Folhas espalhadas pelo chão, mapas riscados, anotações confusas, tudo em meio ao som abafado de um rádio antigo.

Então vi.

Uma letra. Um nome. Um padrão.

No canto inferior de uma das folhas amareladas, o professor havia rabiscado a sigla “C.E.L.M.” seguida por

números de coordenadas e uma palavra que me paralisou: Ravina.

Meu estômago virou.

"Ravina" foi o nome do meu primeiro caso como agente de campo. Um sequestro mal resolvido, cujas peças nunca se encaixaram, um homem sumido, uma fazenda queimada, e um arquivo classificado que me mandaram esquecer.

Mas ali estava ela. De novo.

A sigla também não era estranha. "C.E.L.M." foi o nome de uma antiga empresa de pesquisa ligada ao Ministério da Educação ou pelo menos era o que diziam. No fundo, muitos suspeitavam que era uma fachada para testes experimentais com tecnologia de monitoramento cerebral, um programa abortado há mais de dez anos.

O professor estava rastreando essa entidade. E eu... eu a conhecia melhor do que gostaria.

Naquela hora, tudo voltou: a mesma sensação no estômago, o cheiro de gasolina no ar da Ravina, os gritos abafados por terra úmida. E um caderno queimado, onde li pela primeira vez a palavra controle.

Agora as peças estavam mais próximas.

A morte do professor não era só sobre corrupção acadêmica.

Era sobre silenciamento.

Sobre um experimento que talvez nunca tenha parado.

E sobre o erro que eu cometi no meu primeiro caso: confiar em quem me dava ordens.

Peguei meu velho caderno, aquele da época da polícia. Abri na página marcada com fita adesiva vermelha.

Lá estava o nome do homem que supervisionou a operação da Ravina.

Nada disso era coincidência.

E naquele momento entendi que o passado não volta para nos assombrar. Ele volta para cobrar.

O calor da cidade parecia menos pesado naquela tarde, como se a cidade soubesse que eu estava voltando para onde tudo começou.

Peguei o carro antes do pôr do sol, seguindo as antigas coordenadas anotadas pelo professor. A Ravina ficava a cerca de duas horas da capital, em uma zona de difícil acesso uma daquelas áreas abandonadas que nem os mapas mais atualizados se preocupam em registrar.

A estrada era estreita, ladeada por árvores secas e arbustos que pareciam guardar segredos. A certa altura, precisei sair do carro e seguir a pé. Cada passo fazia a poeira levantar, e o silêncio era tão profundo que até o vento parecia hesitar.

Cheguei...

A terra ainda trazia cicatrizes do incêndio de anos atrás. A vegetação insistia em crescer, mas havia algo no ar, algo que não deixava aquele lugar viver de novo. No centro da clareira, as ruínas da antiga fazenda estavam quase invisíveis, tomadas por galhos e escombros. Mas eu lembrava. Eu lembrava exatamente onde tudo aconteceu.

Foi ali que achei o caderno queimado naquela primeira investigação.

Mas agora havia algo novo. Um contentor metálico semi-enterrado, com sinais recentes de movimentação. Alguém esteve ali. Recentemente.

Forçando a entrada com uma barra de ferro, consegui abrir a porta. O cheiro de ferrugem e papel velho invadiu meu rosto. Lá dentro, caixas com documentos selados, equipamentos antigos de gravação cerebral e uma pasta com o nome do professor.

Abri com cuidado.

Dentro havia fotos. Muitas fotos. Todas de jovens em universidades. Todos marcados com siglas, datas e algo assustadoramente familiar: perfis psicológicos detalhados. Era como se estivessem selecionando mentes.

E ali, no fim da pasta, uma imagem rasgada com o selo da C.E.L.M.

Tudo se embaralhou.

Antes que pudesse reagir, ouvi um estalo atrás de mim.

Alguém pisou em um galho seco.

Saquei a arma.

— Quem está aí?

Nada.

A floresta, mais uma vez, silenciosa demais.

Avancei com cautela, os olhos percorrendo entre as árvores enquanto o peso das descobertas fervilhava na minha mente. O som de outro estalo ecoou mais próximo agora. Mirei, firme. Mas não disparei.

— Calma, agente Kiala — disse uma voz, masculina, grave, mas estranhamente familiar.

Da sombra emergiu um homem alto, de sobretudo escuro. Trazia um sorriso discreto, quase irônico. E quando a luz poente tocou seu rosto, meu sangue gelou.

— Professor Aires Lima?

Ele estava vivo.

— Achei que já era hora de você vir — disse, cruzando os braços. — Você foi o único que leu tudo com atenção.

— Mas o corpo, o enterro... — gaguejei, confuso.

— Um corpo pode ser qualquer um — ele disse com frieza. — Um DNA forjado, uma perícia paga. O que importava não era a minha morte. Era o que ela permitiria.

— Permitir?

Ele apontou para as caixas.

— Esses arquivos seriam destruídos. Eu precisava que alguém os encontrasse... alguém que não estivesse nas mãos da C.E.L.M. Alguém teimoso o suficiente para seguir pistas mortas.

— Então... tudo isso foi encenado?

— Tudo. A festa, o sumiço, até os falsos suspeitos. Tudo para afastar a atenção de mim e do projeto real.

Minha cabeça girava. — O projeto real é sobre controle, não é?

— Mais do que isso — ele respondeu, se aproximando. — É sobre selecionar os que pensam diferente e reprogramá-los. Eles começaram com testes em universidades. O próximo passo era em massa. E ninguém suspeita de programas educacionais.

— E você fazia parte disso?

— Fiz. Até perceber que não queriam formar gênios, mas obedientes. Quando tentei expor, me calaram. Então virei meu próprio fantasma.

— E por que me trouxe aqui?

— Porque agora eles sabem que você sabe. E vão vir atrás de você.

Antes que eu pudesse reagir, ele lançou uma chave em minha direção. — Isso abre o terminal principal da antiga estação de Kalunga. É lá que estão os servidores com tudo. Exponha isso e acaba.

— E você?

— Eu não existo mais, agente.

Fiquei ali, parado, com a chave na mão e o peso do mundo nos ombros.

No fundo, talvez nunca tenha sido sobre o professor. Talvez o verdadeiro mistério fosse sobre o que estão tentando nos ensinar sem que percebamos.

E agora eu sabia demais.

3

O último silêncio

Sempre achei que o luxo fosse o preço que se paga pelo sucesso. E durante anos, vivi cercado dele — hotéis cinco estrelas, torneios em cidades onde os carros valem mais que uma casa, entrevistas com perguntas vazias e flashes que me cegavam mais do que iluminavam.

Mas a verdade? Nada disso me tocava.

Meu nome é Miguel Freitas. Trinta anos, número quatro do ranking mundial de ténis, e — ironicamente — um apaixonado pela simplicidade. Quando não estou em quadra, estou em comunidades periféricas, ajudando a construir quadras improvisadas, ou em escolas, ensinando crianças a bater na bola com força e dignidade.

Foi numa dessas pausas entre campeonatos que tudo mudou.

Eu tinha acabado de sair de uma reunião com os organizadores de um projeto social no centro da cidade. Estava cansado, faminto, e entrei no primeiro restaurante

com fachada modesta. Pequeno, limpo, com cheiro de comida feita com alma.

Ela veio anotar meu pedido com um avental florido e um cabelo preso de qualquer jeito. Mas os olhos... aqueles olhos tinham um silêncio bonito. Como se escondessem um mundo inteiro que ninguém se deu o trabalho de explorar.

— Vai querer o especial do dia? — perguntou, com um sorriso sincero.

— Vou querer saber seu nome primeiro — respondi antes de pensar.

Ela riu, sem se impressionar.

— Diana.

A partir daquele dia, voltei ali todos os dias.

Primeiro por causa da comida. Depois por causa dela.

Diana não sabia nada de tênis. Nem se importava. Achava engraçado que alguém ganhasse a vida correndo atrás de uma bolinha. E talvez tenha sido esse desinteresse dela que me fez ficar.

Conversávamos sobre tudo: sobre o irmão mais novo dela, que sonhava ser músico; sobre como ela trabalhava desde os 15; sobre os clientes estranhos que apareciam no restaurante. E, aos poucos, eu comecei a levar menos meu raquete e mais minha alma pra aquele lugar.

O amor não chegou com trovões. Foi chegando devagar. Nos silêncios, nos olhares, na forma como ela dizia meu nome sem nenhuma reverência.

— Miguel, você às vezes parece cansado demais pra alguém que vive vencendo.

— Vencer cansa, Diana. Perder também. Mas fingir que se tem tudo isso é o que mais exausta.

Ela me olhou fundo naquele dia. E pela primeira vez, senti que alguém via quem eu era de verdade — e não só o atleta, o rosto da campanha, o ídolo.

Nos meses seguintes, continuei nos meus projetos, nas quadras escondidas das câmeras. Mas agora, com ela ao meu lado, tudo tinha mais propósito. A minha maior vitória não foi em cidades grandes nem em luxuosas. Foi ali, naquele restaurante, ao conquistar o coração da única pessoa que me fez querer parar de correr atrás de uma bolinha pra finalmente correr atrás da vida.

Ela descobriu por acaso.

Eu nunca fui de falar muito sobre meus diplomas. Na verdade, durante os jantares rápidos no restaurante onde ela trabalhava, era mais comum ouvir Diana falar — e eu adorava escutá-la. Mas naquela manhã de domingo, no meu pequeno apartamento, enquanto ela mexia distraidamente nas estantes, seus dedos pararam num quadro empoeirado, encostado atrás de alguns livros de fotografia.

— “Licenciatura em Psicologia Social e Comunitária”... — ela leu em voz baixa, virando-se para mim com as sobrancelhas erguidas. — Isso é teu?

Eu assenti, sem pressa.

Ela ficou em silêncio por um instante, como se estivesse reorganizando tudo que sabia sobre mim. O atleta. O voluntário. O homem que preferia andar de táxi do que comprar um carro importado.

— Por que nunca me disseste?

Sentei-me no sofá, observando-a com um certo receio.

— Porque nunca achei que fosse relevante. O ténis é o que o mundo conhece. Mas a psicologia... é o que me sustenta por dentro.

Diana se aproximou devagar, ainda segurando o diploma. Seus olhos estavam brilhando, mas não por surpresa — havia algo mais ali. Admiração, talvez. Ou ternura.

— Isso explica tanta coisa, Miguel. O jeito como falas com os miúdos nos projetos. A forma como me ouves. Como nunca me interrompes. Como pareces sempre... presente.

Sorri, meio sem saber como reagir. Mas ela não parou por aí.

— Tu podias ter sido só mais um arrogante com fama e dinheiro. Podias ter me conquistado com promessas de viagens e joias. Mas escolheste ouvir meu silêncio. E agora eu entendo... tu estavas me analisando esse tempo todo? — disse ela, com um sorriso travesso.

— Nunca precisei — respondi. — Tu sempre foste transparente pra quem quisesse ver. Só que quase ninguém para pra ver de verdade.

Diana se sentou no meu colo, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Eu não sei o que tu vês em mim, Miguel.

— Vejo o que o mundo nunca te permitiu acreditar: que tu és suficiente. Forte. Linda. E dona de uma alma que faz qualquer diploma parecer insignificante.

Ela apertou minha mão, em silêncio. Por alguns minutos, só o barulho da cidade preenchia o espaço entre nós. Até que ela disse, com a voz baixa:

— Agora faz sentido por que me apaixonei por ti. Tu me curaste, e eu nem percebi.

Eu a abracei mais forte. E naquele instante, entendi que o amor, quando nasce da escuta, cresce com raízes profundas. Não era só o garçom e o tenista. Era Diana e Miguel — duas almas imperfeitas, que encontraram no outro o que faltava nelas mesmas.

Na semana seguinte, algo entre nós mudou. Não drasticamente. Não de forma teatral. Mas havia um silêncio novo, mais leve. Como se depois daquela conversa, Diana e eu tivéssemos deixado de nos esconder, mesmo sem perceber que estávamos nos escondendo.

Ela passou a vir mais vezes ao meu pequeno apartamento. Às vezes cozinhava, às vezes ficava só em silêncio comigo. E eu comecei a gostar ainda mais dessa presença calma dela — a forma como observava o mundo, como se estivesse sempre à procura de algo que poucos conseguiam enxergar.

Uma noite, ela me olhou por cima da caneca de chá e disse:

— Tu sabias que, no restaurante, a maioria dos clientes olha pra mim, mas não me vê?

Eu assenti, quieto.

— Mas tu... tu me viu no primeiro dia. E não foi pela roupa ou pelo sorriso. Tu me viu cansada, triste, tentando fingir que estava tudo bem. E mesmo assim foste gentil. Isso nunca me aconteceu antes, Miguel.

Eu não sabia o que dizer. Ela não precisava de palavras. Só de espaço.

— Quando descobri teu diploma — continuou ela —, fiquei com medo. Medo de não estar à tua altura. Mas depois percebi que o teu maior talento não está nos estudos ou no ténis. Está em escutar com o coração. E isso... isso é raro.

Ela encostou a testa na minha.

— Tu és o primeiro homem que me faz sentir segura sem prometer nada.

Aquelas palavras me atravessaram como um furacão manso. A verdade é que Diana havia se tornado o meu ponto de equilíbrio. No meio da fama, dos flashes, dos projetos, era o olhar dela que me mantinha com os pés no chão. Era com ela que eu podia ser só Miguel.

E ali, naquele pequeno quarto com cheiro de jasmim e som distante dos carros na rua, eu soube: a minha maior conquista.

O jogo havia terminado há poucas horas. A quadra improvisada numa escola comunitária ainda ecoava os gritos das crianças e os aplausos dos moradores. Estávamos suados, cansados, mas cheios de algo que só se sente quando se faz parte de algo maior do que nós mesmos.

Aquele evento era simples — um jogo solidário entre voluntários e jovens do bairro para arrecadar fundos para a fundação. Mas para mim, era mais do que isso. Era um lembrete de onde eu queria estar. De quem eu queria ser.

Diana apareceu no final da partida, com uma camisa larga da organização e o cabelo preso de forma desajeitada. Linda. Simples. Aplaudindo como se eu fosse o único em campo.

Mais tarde, depois do banho num vestiário improvisado e de uma troca rápida de roupa, fomos a um pequeno restaurante local que ela conhecia. Nada de flashes. Nada de menus de luxo. Apenas arroz de polvo, vinho caseiro e uma varanda de madeira com vista para um terreno vazio e cheio de estrelas.

— Tu jogas com alma — disse ela, sorrindo enquanto partia o pão.

— E tu apareces sempre quando mais importa — respondi.

Ela riu, mas seus olhos carregavam algo mais profundo. Observava-me como se procurasse uma verdade que ainda não tinha certeza se podia tocar.

— Tu gostas mesmo disto, não gostas? De estar aqui, com essas pessoas... De não precisar mostrar que és famoso.

— Porque a fama é um ruído. Aqui, eu ouço a vida de verdade. Aqui ninguém quer saber dos títulos, só se tu estás disposto a sujar as mãos e fazer a diferença.

Ela bebeu um gole do vinho e me olhou por cima do copo.

— Sabe que, às vezes, tenho medo que essa bolha simples em que vivemos rebente. Que o mundo real bata à porta.

— Isso já é o mundo real, Diana. — Toquei na sua mão. — O que vivemos aqui, esta mesa, o jogo de hoje, a tua risada depois do segundo golo... Isso é a única parte que quero manter.

Ela abaixou os olhos por um momento e depois sussurrou:

— E se eu disser que estou a começar a ter medo de te amar?

— Então estamos empatados — respondi.

O garçom trouxe a sobremesa: doce de leite com coco. E naquele instante, com a noite quente, o som distante de música popular vindo de uma janela aberta e a mão dela entrelaçada na minha, percebi que o amor que nasce longe dos holofotes é o mais difícil de destruir.

Ali, entre goles de vinho e promessas silenciosas, a vida parecia certa. Como se, pela primeira vez, eu tivesse marcado o ponto mais importante — fora da quadra.

O telefone tocou quando ainda estávamos na varanda. Diana falava sobre um projeto de leitura para crianças, os olhos iluminados pela paixão com que descrevia cada detalhe. O aparelho vibrou no bolso da minha calça — insistente, urgente.

Olhei para o visor. Mateus (Fundação).

Atendi com um “alô” automático, ainda meio sorrindo. Mas do outro lado da linha não havia resposta imediata. Apenas um som abafado. Como vento. Como respiração contida.

— Miguel... — a voz de Mateus finalmente saiu, rouca. — Desculpa te ligar assim, mas... aconteceu uma coisa.

Meu corpo enrijeceu. Diana percebeu a mudança instantânea e silenciou.

— O que houve?

— É o Tadeu ... — e só o nome já foi o suficiente para meu coração errar o compasso.

— O que tem o Tadeu?

— Ele... ele sofreu um acidente agora há pouco. Estava a sair da sede da Fundação. A caminho de casa. A moto dele foi atingida por um carro que avançou um sinal... — a voz de Mateus quebrou — Miguel ... ele está muito mal. Está no Hospital Municipal.

Levantei-me num pulo, derrubando a cadeira sem perceber. Diana segurou meu braço, assustada.

— O Tadeu teve um acidente. Grave. — sussurrei para ela.

O mundo pareceu encolher. O ar ficou mais espesso. Tadeu era mais que um amigo. Era irmão de alma. Companheiro de todos os projetos sociais. O coração que batia junto ao meu em cada campanha, cada entrega, cada plano louco que pensávamos para ajudar os outros.

— Eu vou pra lá agora — disse a Mateus, já puxando as chaves do bolso. — Manda a localização certa. Estou a caminho.

Diana não me fez perguntas. Apenas correu atrás de mim, pegou a mochila com documentos e seguiu junto.

Durante o trajeto, no carro, o rádio estava desligado. A cidade parecia correr em câmera lenta do lado de fora. Vi postes passarem, luzes borradas, rostos nos passeios que não sabiam que o meu mundo estava em suspensão.

— Ele vai ficar bem, não vai? — perguntei a mim mesmo, sem esperar resposta.

Diana tocou minha perna, suave.

— Tadeu é forte. Se há alguém que pode resistir, é ele.

Assenti. Mas no fundo, algo doía. Uma angústia sem forma. Uma premonição que eu não conseguia nomear.

Quando finalmente cheguei ao hospital, correndo pelo corredor branco demais, frio demais, procurei Mateus com os olhos.

Ele estava encostado à parede, com o rosto entre as mãos.

E foi ali que percebi: às vezes, a vida te dá tudo. Para depois te lembrar, cruelmente, que nem o amor, nem a dedicação... conseguem impedir o inesperado.

A sala de espera do hospital era um vazio disfarçado. Cadeiras de plástico duro, luz fluorescente e um silêncio que gritava. Mateus ainda estava encostado à parede, mãos trêmulas, os olhos vermelhos como os meus deveriam estar. Diana segurava a minha mão com força, mas eu mal sentia o toque. Só conseguia ouvir meu coração — uma batida descompassada, teimosa, como se tentasse fugir de dentro do meu peito.

Foi quando a porta dupla se abriu devagar, revelando o médico. De bata branca, rosto tenso, olhos baixos. O tempo parou. Juro que tudo ao redor emudeceu.

Ele caminhou até nós, parou à minha frente e respirou fundo.

— Miguel, não é?

Assenti com a cabeça, sem conseguir emitir som.

— Sou o Dr. Amândio. Soube que é amigo próximo do senhor Tadeu. Ele deu entrada aqui há menos de uma hora, vítima de um politraumatismo severo. A pancada na cabeça foi crítica.

A garganta dele travou por um segundo. O olhar fugiu do meu.

— Fizemos tudo que podíamos. Reanimámos por mais de vinte minutos. Mas... ele não resistiu.

Foi como se o chão sob os meus pés desaparecesse. A dor veio sem aviso, rasgando de dentro pra fora. Minhas pernas falharam. Caí de joelhos, sem conseguir conter o choro. Um grito preso na alma, uma dor que não tem nome.

Diana se ajoelhou comigo, os braços me envolvendo como se pudesse conter o desespero que escorria dos meus olhos.

— Não... não pode ser... — murmurei, repetindo, como se dizendo em voz alta fosse suficiente pra desfazer a realidade.

Tadeu se foi.

O meu irmão de coração. O homem que dedicava a vida aos outros. Que ria alto, que sonhava grande. Que merecia tudo, menos esse fim.

E ali, no chão frio daquele hospital, chorei como nunca antes. Não pela morte. Mas pela injustiça de perder alguém que ainda tinha tanto pra viver. Tantas promessas. Tantas causas.

Naquele instante, jurei a mim mesmo: o nome dele não seria esquecido. Tadeu viveria — em cada projeto, em cada jovem ajudado, em cada vida tocada.

Mas antes disso... eu precisava viver o luto. E deixá-lo doer até o último silêncio.

4

Diário de um oráculo

Há dias em que o mundo parece distante, como se eu o observasse através de um vidro embaçado. Tudo ao meu redor continua em movimento, mas dentro de mim, tudo está parado. A ansiedade não deixa marcas visíveis, mas corrói por dentro, silenciosamente.

Hoje, mais uma vez, acordei com o coração acelerado e a respiração curta. Não houve pesadelo, apenas a sensação constante de que algo está prestes a desmoronar. Levantei-me, lavei o rosto e encarei meu reflexo no espelho: olhos cansados, olheiras profundas e um sorriso forçado.

O dia passou como tantos outros. Conversei com colegas, cumpri minhas tarefas, mas tudo parecia automático, como se eu estivesse apenas interpretando um papel. Por dentro, a angústia crescia, silenciosa e implacável.

Ao chegar em casa, o silêncio me envolveu. Sentei-me no sofá e, sem motivo aparente, as lágrimas começaram a cair. Era um choro incontrolável, vindo de um lugar profundo, onde palavras não alcançam. A dor

da alma ultrapassava qualquer limite, e tudo o que eu podia fazer era chorar.

A ansiedade é assim: invisível aos olhos dos outros, mas devastadora para quem a sente. Ela se esconde atrás de sorrisos, de palavras gentis, de rotinas cumpridas. Mas, quando menos se espera, ela se revela em lágrimas, em crises, em noites insones.

Não há feridas visíveis, mas há cicatrizes profundas. Cada crise deixa uma marca, um cansaço, uma sensação de impotência. E, mesmo assim, seguimos em frente, na esperança de que o amanhã seja mais leve.

Hoje, mais uma vez, a ansiedade me venceu. Mas amanhã, talvez, eu consiga respirar com mais facilidade. Talvez, eu consiga sorrir de verdade. Talvez, eu consiga viver sem esse peso constante no peito.

Enquanto isso, escrevo. Porque, às vezes, colocar em palavras o que sinto é a única forma de aliviar a dor. E, quem sabe, alguém leia e se sinta menos sozinho.

A ansiedade não define quem sou, mas é parte de mim. E, ao compartilhar minha história, espero encontrar compreensão, empatia e, talvez, um pouco de paz.

A noite caiu como um manto pesado sobre a cidade, e eu me vi novamente sozinho em meu quarto silencioso. As paredes, testemunhas mudas da minha angústia, pareciam se fechar ao meu redor. Sentei-me no chão frio da sala, abraçando os joelhos, tentando conter as lágrimas que insistiam em cair.

Essa companheira indesejada, apertava meu peito com força. Cada batida do coração era um lembrete de que algo estava errado, mesmo que eu não soubesse exatamente o quê. As mãos tremiam, e a respiração se tornava ofegante. Era como se eu estivesse

preso em um labirinto sem saída, cercado por sombras que sussurravam meus medos mais profundos.

Lembrei-me de momentos felizes, de risos compartilhados e abraços apertados. Mas essas lembranças pareciam pertencer a outra vida, a outra pessoa. Agora, tudo o que restava era o vazio e a dor silenciosa que consumia minha alma.

Fechei os olhos e tentei encontrar um ponto de paz dentro de mim. Imaginei um campo tranquilo, com o vento acariciando meu rosto e o som suave de um riacho ao fundo. Por um breve instante, senti alívio. Mas a realidade logo retornou, trazendo consigo o peso da solidão.

Decidi novamente escrever, colocar em palavras o que sentia. Talvez, ao externalizar minha dor, eu pudesse compreendê-la melhor. As palavras fluíam como lágrimas no papel, cada frase um desabafo, uma tentativa de entender o caos dentro de mim.

A escrita se tornou um lugar onde eu podia ser honesto comigo mesmo. Não havia julgamentos, apenas a verdade nua e crua dos meus sentimentos. E, aos poucos, percebi que não estava tão sozinho quanto pensava. Havia outros que também enfrentavam batalhas semelhantes, que compreendiam a dor invisível da ansiedade.

A noite avançava, e o cansaço começava a pesar. Deitei-me na cama, abraçando o travesseiro como se fosse um único consolo. As lágrimas continuavam a cair, mas agora havia uma centelha de esperança. E assim, entre suspiros e lágrimas, adormeci, na esperança de que o amanhecer trouxesse consigo a luz que dissiparia as sombras da minha alma.

5

Ampulhenta

A chuva estava lá, batendo contra a janela, criando uma melancolia sutil que parecia se infiltrar no meu peito. Eu observava as gotas deslizando pela vidraça, como se competissem umas com as outras, se apressando a encontrar o chão. O som da água era inconfundível, profundo e constante, como o ritmo do meu próprio pensamento.

Dentro do banheiro, o vapor quente envolvia Lueji, fazendo o ambiente parecer ainda mais distante, como se existisse uma linha invisível entre nós dois. Jorge, por sua vez, estava à janela, perdido na vista da cidade lá fora. As luzes da metrópole, agora cobertas pelas nuvens carregadas, pareciam mais misteriosas do que de costume. Ele estava ali, absorto, como se o que acontecia fora da casa fosse mais importante que qualquer coisa dentro dela.

Eu sabia que Lueji estava cantando. A voz dela flutuava pelo ar, suave e calma, quase como um sussurro do vento. O clima chuvoso parecia ter despertado algo

nela, uma melancolia talvez, ou uma nostalgia que não me era familiar. Sua voz se mesclava com os sons da chuva, criando uma atmosfera de solidão e reflexão.

Enquanto ela ainda estava no banheiro, eu ficava observando, sem saber bem o que fazer com o que estava sentindo. O tempo parecia se arrastar, mas, de alguma forma, ele também passava rápido demais. O som da água cessou. Ela saiu do banheiro, com o rosto ligeiramente vermelho e o cabelo ainda molhado, refletindo a luz suave do ambiente. Os passos dela ecoaram pelo corredor, e eu pude sentir, mesmo de longe, que havia algo diferente no ar.

Ela se aproximou da porta do quarto, hesitando por um breve momento, como se tivesse algo a ponderar, algo que a impedia de continuar. Eu me virei devagar, observando-a, o coração batendo um pouco mais rápido. Quando nossos olhares se cruzaram, pude sentir a tensão no ar, uma tensão que não era minha, mas parecia ter surgido ali, entre nós dois. Eu dei um passo em direção à porta, quase como se quisesse ir até ela, mas algo dentro de mim me segurava, me impedia de avançar. Era uma força invisível, algo que nem eu sabia explicar, mas que eu sentia com toda a minha intensidade.

O silêncio entre nós dois era espesso, quase físico, como uma corda que nos prendia em uma dança silenciosa e sem fim. Então, ela falou. Sua voz, baixa e calma, ainda carregada de alguma coisa que eu não conseguia identificar:

— Será uma noite para recordar?

A pergunta pairou no ar, e um arrepio percorreu minha espinha. Eu não sabia o que responder, mas um

sorriso, quase instintivo, se formou em meu rosto. Era um sorriso enigmático, talvez até sedutor, como se eu soubesse exatamente o que ela queria dizer, mas não pudesse explicar. Não queria.

— Sim, será — respondi, com uma voz que parecia vir de algum lugar distante, como se as palavras já estivessem ecoando na minha mente há muito tempo, esperando o momento certo para serem ditas.

O silêncio continuou. Nós dois ficamos ali, apenas nos observando, cada um preso em seus próprios pensamentos. Algo estava prestes a acontecer, mas ninguém de nós sabia o quê. Era como se o momento estivesse suspenso, aguardando por algo mais, uma revelação, talvez, ou uma mudança. Mas nada aconteceu. Não naquele momento. A chuva lá fora continuava, batendo contra a janela, e a melodia da água parecia mais forte, mais intensa. Era como se ela fosse a trilha sonora para o que viria a seguir. Algo no ar estava prestes a mudar, e, enquanto eu a olhava, não pude deixar de sentir que, independentemente do que acontecesse, aquela noite ficaria marcada na minha memória.

Porque nós dois sabíamos que o destino, embora invisível, estava nos guiando para um lugar onde nada mais seria o mesmo.

O silêncio entre nós se estendia como uma corda tensa, quase palpável, como se o próprio ar fosse espesso, carregado com uma eletricidade invisível. Cada segundo parecia uma eternidade, e os olhos dela, frios como aço temperado, penetravam profundamente em mim, desnudando minha alma com uma intensidade que eu nunca tinha experimentado. Havia algo nos seus olhos

que parecia saber mais sobre mim do que eu próprio sabia.

Eu tentei dizer algo, qualquer coisa para quebrar o gelo, mas minhas palavras pareciam se perder antes mesmo de serem formuladas. Ela apenas me observava, sem pressa, como se estivesse decidindo o que fazer com a minha existência ali, naquele momento, diante dela. O ar parecia estar mais pesado, como se a noite estivesse prestes a se desvelar em algo inesperado, algo perigoso.

Então, como se o tempo tivesse decidido acelerar e pular algumas etapas, ela deu um passo à frente. A distância entre nós desapareceu em um piscar de olhos. Antes que eu pudesse sequer reagir, seus lábios estavam sobre os meus. O beijo foi quente, urgente, como se carregasse toda a tensão que havia no ar até aquele ponto. Eu não sabia se estava sendo consumido pelo fogo ou se simplesmente me entregava ao calor que ela provocava. O mundo ao nosso redor desapareceu. O som do vento, os carros na rua, até mesmo os pensamentos na minha mente foram abafados pela intensidade do momento. Eu sabia que algo estava prestes a acontecer, mas a minha mente estava emaranhada nas sensações que ela me causava.

Foi quando o estalo da porta quebrando o silêncio veio como um soco no estômago. A realidade, que até então parecia ter sido suspensa, voltou com um estrondo. Uma voz grave, vinda do outro lado da porta, atravessou o ar denso.

— Polícia! Abra a porta!

A palavra ecoou pela sala, cortando o clima que se formava entre nós. O que estava prestes a se desvelar agora era um mistério muito maior do que eu imaginava.

O olhar dela se desfez do meu, e o sorriso que antes brilhava nos seus lábios desapareceu, substituído por uma expressão que eu não conseguia interpretar. Ela não parecia assustada, mas também não parecia imune ao impacto daquelas palavras.

Meu corpo, antes relaxado na proximidade dela, agora se tensionava, como se o destino estivesse prestes a nos separar em mil pedaços. A porta tremia sob o peso da autoridade que vinha do outro lado, e a única coisa que eu conseguia fazer era esperar.

A porta se abriu com um estrondo, e a luz fria da madrugada invadiu a sala, cortando a penumbra em que estávamos. O som dos passos pesados dos policiais se misturava com o batimento acelerado do meu coração. Não houve tempo para reação. Eu estava paralisado, imerso em um turbilhão de emoções que eu não conseguia processar. O ar parecia denso, pesado, como se a própria sala estivesse sufocando.

Um dos agentes se aproximou, a farda impecável refletindo a luz tênue da lâmpada quebrada. Ele olhou para mim com um olhar sem emoção, como se estivesse cumprindo apenas mais uma tarefa em sua lista. A frieza nas palavras dele cortou o espaço entre nós como uma faca afiada.

— Você está preso por falsificação de identidade e tráfico de drogas — disse ele, a voz grave ressoando na minha mente.

O mundo ao meu redor pareceu se desintegrar. As palavras ecoaram em minha cabeça, fazendo meu corpo tremer involuntariamente. Eu mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. Tudo o que eu tinha tentado construir, todas as minhas mentiras, todas as

minhas escolhas erradas, agora estavam se desmoronando. Mas o que mais me atingiu foi a reação dela.

Lueji estava ali, ao meu lado, olhando para mim com os olhos grandes, cheios de uma tristeza que não sabia como lidar. Ela estava parada, imóvel, como uma estátua de dor. Seus olhos, normalmente tão cheios de vida, agora estavam vazios, consumidos por uma tristeza profunda que parecia engolir tudo ao redor. As lágrimas começaram a escorrer de seus olhos, lentamente, como se cada gota fosse uma história não contada, uma perda que ela não podia entender.

Eu queria falar, queria explicar, mas as palavras me faltaram. Eu a olhei, tentando transmitir todo o arrependimento, toda a dor que estava pulsando em meu peito. Mas nada que eu dissesse poderia apagar o que ela estava sentindo.

O que eu vi nos olhos dela não era raiva, não era vingança. Era pura dor. A dor de saber que, apesar de todo o tempo que passamos juntos, de toda a confiança que ela depositou em mim, eu havia falhado de uma maneira que não tinha mais volta. Aquela dor nos olhos dela me dilacerava por dentro. Era como se uma parte de mim estivesse sendo arrancada, sem misericórdia.

Eu senti uma agonia crescente dentro de mim. Cada lágrima dela era uma lâmina que cortava meu peito, e eu não sabia como parar isso. Eu queria dizer que tudo aquilo era um erro, que a verdade estava distorcida, mas as palavras não vinham. Tudo o que eu sentia era uma dor esmagadora, uma dor que parecia impossível de acalmar. Uma dor que só poderia ser causada pela perda de algo que nunca poderia ser recuperado.

Lueji deu um passo hesitante em minha direção, mas logo foi interrompida pelo toque firme de um dos policiais, que a afastou com delicadeza, mas sem compaixão. Eu a vi olhar para mim pela última vez antes de ser levada para fora da sala. Seus olhos, cheios de lágrimas, se fixaram nos meus, como se quisessem me dizer algo que eu já sabia, mas não queria ouvir.

E então, no silêncio que ficou após a porta se fechar, eu me vi sozinho. Perdido. Sem saber para onde ir. Sem saber como voltar.

Um olhar sobre a velha cidade

Toda noite, exatamente às 21h13, eu subo ao topo do prédio 47. É o único lugar onde a cidade parece respirar comigo — onde os carros deixam de ser pressa e viram pulsações lentas sob um cobertor de luzes flutuantes.

É engraçado como uma cidade tão viva pode ensinar tanto sobre silêncio. Aqui de cima, tudo brilha como se fingisse felicidade: os postes piscam como olhos cansados, os barcos no rio movem-se devagar, como quem carrega saudades. E as janelas... ah, as janelas. Cada uma é um fragmento de história. Amores escondidos. Soluções de última hora. Risos que mal ecoam. Discussões que explodem em sussurros.

Eu sento exatamente no mesmo canto, com os joelhos encostando o frio do teto, e observo. Observar é meu segredo. Ninguém nota. Ninguém imagina que, enquanto vivem, alguém os vê com os olhos de quem sabe perder.

A cidade foi construída sobre memórias antigas. Dizem que, sob o concreto, há ruínas de outro tempo —

casas de barro, trilhos abandonados e uma praça onde um poeta morreu lendo um verso que nunca terminou. Eu gosto de pensar que esse verso me encontra, toda vez que o vento toca meu rosto aqui no alto.

Não sou daqui. Mas também nunca fui de nenhum lugar. Esta cidade, com toda sua beleza encenada, foi o único lugar que nunca me perguntou quem eu era. Ela apenas me deixou ver. E ver, para mim, sempre foi mais íntimo que falar.

Talvez alguém me veja daqui. Talvez pense: "Ela espera por alguém." Mas não. Eu espero por mim mesma. Espero por uma versão de mim que um dia sentou ali, acreditando que a vida tinha promessas. Hoje, só me restam as luzes, o céu suspenso sobre os engarrafamentos e o som abafado da cidade sendo ela mesma — mesmo que ninguém repare.

Eu sou o homem que observa a cidade, todas as noites, como quem lê um livro sem fim.

E talvez, só talvez... eu seja o único que ainda acredita que há beleza em algo que não precisa durar.

Naquela noite, algo estava diferente. As luzes da cidade pareciam mais distantes, mais borradas, como se chorassem em silêncio por algo que nem mesmo elas sabiam nomear. O rio refletia o céu como um espelho gasto, onde estrelas dançavam partidas, e os barcos... não se moviam.

Era como se tudo tivesse parado — mas só para mim.

Senti o peso do tempo pousar no meu ombro, como uma mão antiga. Fechei os olhos por um instante. Por dentro, a memória me pregava peças. Um perfume de infância, um riso que não era meu ecoando em algum

canto da alma. E aquela sensação estranha de que algo me observava de volta.

Foi então que percebi. A cidade também me via. Não com olhos — mas com lembranças.

Ali, entre os telhados e postes, alguém já estivera onde estou. Alguém que também acreditava que beleza bastava para segurar o coração no peito. E falhou.

Quando abri os olhos, uma luz diferente piscava lá longe, num edifício que costumava estar vazio. Era como um chamado. Um sussurro aceso. Me levantei, com o coração na garganta, como se soubesse o caminho sem nunca tê-lo feito.

